

educação

educacao@gazetadopovo.com.br

* PROCESSO EDUCACIONAL

Sala de aula do futuro deve focar no ensino personalizado

Modelo “professor fala e alunos escutam” é questionado por especialistas. Educação de qualidade, dizem, foca no aprendizado individual

Adriana Czelusniak

■ Imagine uma sala de aula. Se vier à mente um espaço em que um professor explica o conteúdo e 30 alunos sentados ouvem sem se mexer, pense de novo. Esse modelo de escola “industrial”, em que uma aula expositiva serve para todos, está com os dias contados. Embora ainda haja resistências tanto de professores, que querem continuar passando da mesma forma um conteúdo para a turma toda, como de pais e alunos, especialistas em educação afirmam que, ao pensar em aprendizado, não se pode deixar de considerar as características individuais dos estudantes e a forma como cada um retém o conhecimento.

Essa educação com foco no ‘um a um’ é conhecida por vários nomes, como ensino “caracterizado” ou “personalizado”. O ganho

principal da prática é o de levar em conta as etapas de desenvolvimento de cada aluno e, assim, alcançar um melhor desempenho.

“Com a vida mais urbana, a escola seguiu a padronização, funcionando como uma linha de produção. Mas essa escola onde soa uma sirene e todos fazem o mesmo já se mostrou ineficiente há um bom tempo. É impossível que 30, 40 alunos aprendam ao mesmo tempo quando alguém ensina de um jeito só”, explica o psicopedagogo Júlio Furtado, mestre em Educação e doutor em Ciências da Educação. “Nesse cenário, o ensino caracterizado se mostra uma saída interessante para o modelo de escola que se quer

É difícil mudar a mentalidade dos professores

■ A primeira tarefa de um professor é buscar conhecer profundamente os alunos de sua turma, saber como agem, onde têm mais facilidade na aprendizagem, se retêm informações melhor ouvindo, visualmente ou interagindo em grupos ou sozinhos. Diante disso, é preciso ir além da aula expositiva, criar métodos ativos que foquem no aluno, explica Josemary Morastoni, coordenadora do curso de Pedagogia da Universidade Positivo.

O professor precisa estar em constante mudança, buscando novas formas de dar aula e jeitos diferentes de trabalhar com cada aluno. “Nas diretrizes curriculares, nós trabalhamos com a questão do pensar diferente, para que o professor saia do ‘quadradinho’. Diferentemente do ensino tradicional, focar nas possibilidades e não nas dificuldades facilita a aprendizagem do aluno.”

Um espaço que se aproxima desse ideal é o Colégio Estadual José Leite Lopes, onde funciona o Projeto Nave, em uma favela do Rio de Janeiro. Por lá o aluno participa ativamente do processo de aprendizagem, em turmas de crianças com várias idades e um

orientador com foco em tecnologia. Depois de sete anos de existência, os parâmetros de aprovação em vestibular ou testes de avaliação já se comparam aos de escolas cariocas de elite.

Mas o psicopedagogo Júlio Furtado comenta que ter uma realidade como essa para todos vai demorar o tempo necessário para mudar o paradigma que está na cabeça da maioria dos professores hoje. “Cerca de 80% ainda acreditam que o problema está com os alunos, os que não param quietos, os que não prestam atenção ou os que os pais não educaram.”

CURIOSIDADE

Turmas numerosas e pouco tempo prejudicam a percepção do caminho da aprendizagem de cada aluno e a abertura para que levanten hipóteses e amadureçam suas questões. Ter acesso a conteúdos de acordo com o interesse do momento faz com que a curiosidade natural das crianças seja aproveitada.

Projeto Nave, no Colégio Estadual José Leite Lopes, no Rio de Janeiro: alunos participam ativamente do processo de aprendizagem.

ter.” O principal desafio desse modelo é mudar a mentalidade do educador.

“Há tempos o professor tem a postura de preparar uma aula e, se os alunos não aprendem o conteúdo, surge uma série de justificativas para culpá-los”, afirma Isabel Parolin, psicopedagoga consultora educacional pela Educação Presente.

“O maior obstáculo é alterar o conceito do que seja ensinar e aprender. O professor precisa entender que a boa aula não é aquela em que ele apresenta o conceito, passa atividades e cobra na prova. A boa aula favorece que o aluno pense sobre conteúdo e se aproprie do conhecimento.”

Historicamente, o profes-

sor se viu como detentor do conhecimento, como alguém que tem o saber em sua cabeça e tem de transmitir para a dos alunos, que está vazia. Com a evolução da educação, quem pensa assim pode cair em uma depressão intelectual achando que será rebaixado para um simples orientador, explica Furtado.

“Ainda formamos professores no padrão de 50 anos atrás, licenciaturas formam docentes especialistas em conteúdo, não em aprendizado. O professor que entendeu que seu papel é fazer o outro aprender faz aulas coletivas mais raramente, senta mais em pequenos grupos e diz, inclusive, que com isso passou a economizar a voz”, afirma.

“Um ensino individualizado respeita o combustível do aprendizado, que é a vontade de aprender.”

Júlio Furtado, psicopedagogo.

PAPEL DOS PAIS Família também resiste a mudanças

■ Novas maneiras de comandar uma aula podem ter resistência dos próprios alunos, mas o empecilho maior costuma ser o entendimento das famílias. Assim como professores aprendem a ser professores na escola e tendem a ser parecidos com quem lhes ensinou, pais interiorizaram suas experiências em sala de aula e podem ter mais segurança se os filhos receberem o mesmo tipo de formação. Assim, entendem que o filho aproveita a escola quando tem boletim com boas notas, aulas expositivas e lição de casa. “A família precisa entender que na escola há profissionais que se dedicam a estudar esse processo educacional e que

seu papel é outro”, afirma a psicopedagoga Isabel Parolin. “A tarefa dos pais não é vigiar a escola, verificar se deu tarefa ou não, mas propiciar que no resto do dia o filho tenha momentos de aprendizagem, sem ficar só na tevê ou vídeo game. Tem muitas atividades físicas e sociais que podem ajudar as crianças a terem uma melhor compreensão do mundo em que vivem”, diz. Josemary Morastoni, da Universidade Positivo, ressalta que a sociedade cobra uma escola tradicional, que tenha um professor falando e os alunos parados na cadeira, e que isso é uma coisa cultural. O fundamental, explica ela, seria uma escola que favoreça as conexões que um aluno pode fazer entre o que vai aprendendo e sua própria vida.



Salvador Scofano